

INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA ESCOLA UEB LUIZ VIANA A PARTIR DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Mara Rúbia Amorim Machado

Silmara Amorim Machado

Soraia Amorim Machado

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar as perspectivas e possibilidades que intervêm na educação dos surdos em uma proposta educativa dos meios de comunicação. A função desta pesquisa é destacar os surdos suas viabilidades de comunicação e suas contribuições onde perpassa por um breve relato sobre a história e estudo dos alunos surdos, caracteriza o contexto escolar com o processo de aprendizagem, tem a participação do professor na inclusão junto a família, abragem os meios de comunicação com a importância da tanto no processo processo educacional dos discente surdos, com a valorização da LIBRAS e a educação inclusiva e o professor como ferramenta educacionais entrelaçando a participação da família junto a escola, abragem as concepções filisoficas como o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo os meios de comunicação com a importância da Libras e os métodos utilizados por eles . O presente trabalho, de cunho qualitativo, visa através do estudo de caso, investigar como ocorrem as práticas educativas para surdos na escola regular de ensino. Participaram desta pesquisa alunos surdos e ouvintes, coordenadores, professores, da Escola Municipal UEB LUIZ VIANA. A partir dos resultados pode-se inferir que uma proposta educativa baseada em uma perspectiva bilíngue possibilita ao estudante surdo uma melhor educação, no sentido em que prioriza em uma metodologia a utilização de recursos visuais para o ensino a esses alunos.

Palavras – chaves: Educação, Surdo e Comunicação.

ABSTRACT

This research aims to present the prospects and possibilities that intervenes in deaf education in an educational proposal means of comunicação. A function of this research is to highlight the deaf their viabilities of communication and their contributions which permeates a brief account of the history and study of deaf students, featuring the school context with the learning process, has the participation of teachers in inclusion the family together, abragem the media on the importance of the educational process both in the process of deaf students, with appreciation of LBS and inclusive education and the teacher as educational tool intertwining family involvement with the school, the abragem filisoficas conceptions as oralism, total communication and bilingualism means of communication with the importance of Pounds and methods utilizados . The gift for them work, a qualitative study aims through the case study to investigate how educational practices occur in regular school for deaf education. Participated in this research deaf and hearing students, engineers, teachers, the Municipal School UEB Luiz Viana,. From the results it can be inferred that an educational approach based on a

bilingual perspective enables the deaf student a better education, in that it focuses on a methodology to use visuals to teach these students.

Key Words: Education, Deafness and Communication

1.Introdução

A Escola U.E.B. Luís Viana pertence à rede municipal de ensino e funciona nos turnos matutino e vespertino. Oferece o ensino regular, educação fundamental do 1º ao 9º ano com inclusão. Sendo que pela manhã está disponível a educação do 6º ao 9º ano e pela tarde, do 1º ao 5º ano. Possui salas especiais para DA (deficiência auditiva), com turmas só para o ensino da Libras e da Língua Portuguesa (salas bilíngue), onde o professor instrutor de libras que também é surdo, trabalha junto com a professora ouvinte que tem formação em Libras. A inclusão só acontece no 5º ano do ensino fundamental. Antes, os alunos ficam na sala bilíngue aprendendo a Libras e o Português Escrito, ou seja, na alfabetização. Pois as crianças enfrentam muitas barreiras na referida escola, visto que sua estrutura física encontra-se em péssimo estado. Os telhados de algumas salas precisam de reparos e quando chove é preciso suspender as aulas. Nas salas inclusivas (5º ano), a receptividade dos alunos ouvintes para com os alunos surdos, dá-se dentro de um bom relacionamento. Chegam até a aprender Libras com a professora intérprete que avalia a compreensão do conteúdo trabalhado pela professora ouvinte para os surdos. Os alunos com surdez ingressam na escola geralmente aos 6 anos de idade, todavia, há uma variação de idade no período de alfabetização. Esses alunos não possuem o domínio da Libras, daí a necessidade das salas bilíngues. Há também a Sala de Recurso Especializado (AEE) para Deficientes Intelectuais (DI), Deficientes Auditivos (DA) e Deficientes Visuais (DV). A escola é bastante espaçosa, pois possui algumas escadas com algumas rampas, uma sala de recurso para trabalhar com os alunos com necessidades especiais, apesar da estrutura física, é possível perceber que alguns profissionais têm compromisso com a educação e dedicam-se que estas crianças saibam “pelo menos ler, escrever e contar” ela não está bem preparada para ter uma Educação Inclusiva, pois a profissionais habilitados na área mais não é suficiente para a demanda, pois a sala de inclusão em que existem alunos surdos o profissional em libras as vezes não está presente e o professor regente não tem domínio suficiente para suprir a necessidade do seu aluno surdo contam com ajuda dos

alunos ouvintes que também vão aprendendo. Nessa escola não é trabalhado o Oralismo e, a aprendizagem da Libras é vital para que a proposta educacional trabalhada em sala de aula se realize. A Libras funciona como a primeira língua dos surdos (L1) e o Português Escrito como a segunda língua (L2). Sem o intérprete na sala de aula regular inclusiva é meramente quase impossível o professor ouvinte trabalhar com o aluno surdo, pois este está preparado para lidar com o aluno surdo, apesar do interesse e da sensibilidade dos mesmos em relação à questão.

A escola foi criada pela Lei 1713/66 Reconhecida pelo CEE pela Resolução nº 52/68 datada em 14 de novembro de 1968, assinada pelo professor Luiz de Moraes Rêgo tendo em vista o Parecer 69/68. Pelo artigo 2º da mesma Lei de criação todo o acervo Patrimonial do Ginásio que foi criado pela Lei nº 779 de 4 de 1957, passou a integrar o patrimônio do colégio Municipal de São Luís. Na época havia a Divisão do Ensino Médio pertencente à Secretaria de Educação e Cultural do Município de São Luís, da qual o Colégio Luiz Viana era subordinado, haja vista existir o ensino médio isto é, o 2º grau científico e o curso normal por sinal, era de qualidade o ensino. Funcionava nos turnos diurno e noturno com sede no bairro da Alemanha situado a rua D. Delegado s/n havendo também no centro localizado na rua do Ribeirão em prédio com 9 salas de aula. No turno matutino funcionava o curso Ginásial (ensino fundamental atual) e o curso médio científico no noturno, somente turmas do curso ginásial (de 5ª a 8ª séries) que após o primário de 1ª a 5ª série passaria para o ginásio (1ª a 4ª série) o que hoje equivalente a 2ª etapa do ensino fundamental. O Colégio Luiz Viana funcionou em convenio com o Estado até 1964 quando foi absorvido pelo município de São Luís. O prédio do Colégio Luís Viana “foi construído pelo governador Newton Bello” para outros fins. A finalidade era ser a escola de Artes Industriais e foi toda equipada para o funcionamento. A professora Antônia Ribeiro da Costa foi encaminhada ao Rio de Janeiro para se especializar durante um ano em um curso INEP Artes Industriais. Seria uma escola profissionalizante.

A aludida escola de Artes Industriais chegou a funcionar sendo devolvido todo o maquinário e prédio foi doado para a prefeitura de São Luís (doado pelo Estado)

O prefeito da época era o Dr. Antônio da Costa Rodrigues. E o nome do colégio municipal Luís Viana foi homenagem ao maranhense o médico e professor Dr. Luís Viana. Primeiramente professor após dois anos de idade ingressou na Escola

Normal do Médico pela Faculdade de medicina do Rio de Janeiro. O professor Luís Viana foi professor Dr. Antônio da Costa Rodrigues, o prefeito da época. Convém ressaltar que o Colégio de São Luís muito importante no passado foi fundado em soledade entre professores Luiz de Moraes Rêgo, Luiz Lobato Viana (funcionava em regime interno e externo). No ano de 1957 pela Lei municipal nº719 de 04 de abril foi criado o primeiro Ginásio do município de São Luís e em 1966 foi absorvido pelo referido colégio Luís Viana. Esclarecer-se está o curso nomenclatura tudo em vista o curso primário (1ª a 5ª série) término de curso ginásio (1ª a 4ª série), ou seja, atual (5ª a 8ª series). O Instituto de Educação Municipal foi enviado pela Lei 1702 de 21 de novembro de 1996 e regulamentado pelo Decreto 1064 de 20 de junho de 1967. O corpo docente da escola é composto por 12 professores do ensino regular, todos com níveis superiores e concursados; uma gestora; uma coordenadora pedagógica; uma assistente de arquivos; dois auxiliares administrativos; quatro auxiliares de serviços gerais; dois porteiros; e dois seguranças. Em relação ao ensino dos alunos surdos, há um professor surdo instrutor, uma professora intérprete e quatro professoras ouvintes que também dominam a Libras. Isto para todas as séries que estes frequentam e nos dois turnos. Quanto à estrutura física desta escola, esta compõe-se de 14 salas de aula ao todo, uma secretaria, uma sala de professores, uma sala de educação profissional, uma sala de arquivo, uma sala da diretoria, um auditório, uma cozinha com refeitório, uma dispensa, uma pequena área para lazer e oito banheiros ao todo. Toda a estrutura física da escola requer grandes e pequenos reparos, pois quando chove as aulas às vezes são suspensa, pois parte do telhado das salas de aula possui abertura e a chuva molha tudo. mobiliário da mesma não está em bom estado de conservação. A escola teve como início a educação do surdo no ano de 2004 desde então a escola vem trabalhando em conjunto envolvendo todos que fazem parte da escola. A mesma trabalha com sala de Inclusão com Deficiência Auditiva são 3 (três) alunos por sala e 1 (um) Interpretador por sala, no momento temos apenas um Interpretador e os 6 (seis) alunos estão na mesma, salas de alfabetização aos surdos onde trabalham professor que tem curso em libras e o instrutor são 3 (três) salas onde tem variados grau de surdez da leve á profunda.

2. Metodologia aplicada

Segundo Minayo (2003, p.43), os principais elementos da metodologia podem ser definidos, sistematicamente, a partir da definição da amostragem onde, uma pergunta bem elaborada tem grande importância para o sucesso da pesquisa ser investigado?(...)". Nesse sentido, pode-se afirmar que uma boa amostragem é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões. O processo de coleta de dados envolve a escolha das técnicas e instrumentos de pesquisa. Essa pesquisa é de caráter qualitativo e exploratório, o campo de pesquisa é uma escola de educação regular na cidade de São Luís. A equipe escolar compõe-se dos professores titulares, intérpretes, instrutores, alunos surdos e ouvintes. Segundo José Filho (2006) o surgimento da necessidade de se pesquisar já traz em si, a necessidade de um diálogo com a realidade a qual se objetiva investigar e com o diferente, uma comunicação dotada de crítica, que direciona a momentos criativos. O intuito de conhecer fenômenos que o constituinte dessa realidade a busca de aproximação, diante de sua complexidade e dinamicidade dialética. A entrevista é o procedimento mais utilizado no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca extrair informes contidos na vivência dos atores. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se busca ser um instrumento de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objetos da pesquisa que estão inseridos no cotidiano uma determinada realidade que está sendo focalizada. (PÁDUA, 1997, p.64). Para recolher as informações necessárias foram realizadas observações em sala de aula e perguntas aos professores, através de um questionário, sobre a didática, métodos de ensino e as diferenças utilizadas pela existência de alunos surdos. Nesse sentido, a utilização de entrevistas é relevante por gerar ricas contribuições à pesquisa. Vale ressaltar que o grupo educacional e os educando autorizaram a realização da mesma. O questionário, antes de ser aplicado aos professores, passou pela Coordenação Pedagógica para concordância sobre o conteúdo. O período que compreendeu a aplicação do instrumento de pesquisa, as entrevistas com os profissionais ocorreram entre o mês de maio do ano de 2014. Durante este período foram assistidas aulas semanais e nesse processo sempre esteve presente na sala bilíngue o instrutor e o professor de libras e na sala regular o professor regente e o intérprete, como principal mecanismo de ligação entre professor e aluno surdo. Nesse contexto histórico da educação de surdos, chega à conclusão que a aprendizagem para os surdos está sendo

bastante favorável. Os professores recebem, uma preparação de forma rápida, mas necessária, uma preparação de forma adequada estes alunos surdos em sala regular de ensino, pois muitos não possuem nenhuma capacitação em LIBRAS. Uma das metodologias são o ensino de LIBRAS, com estudos, pesquisas e vivências que mostraram que tornar uma escola Bilíngue é a melhor maneira e para alfabetização do aluno com surdez, ou seja, fazer das LIBRAS uma mediadora no ensino de Língua Portuguesa que é a língua falada em nosso país.

3. Análise dos dados e resultados obtidos na pesquisa

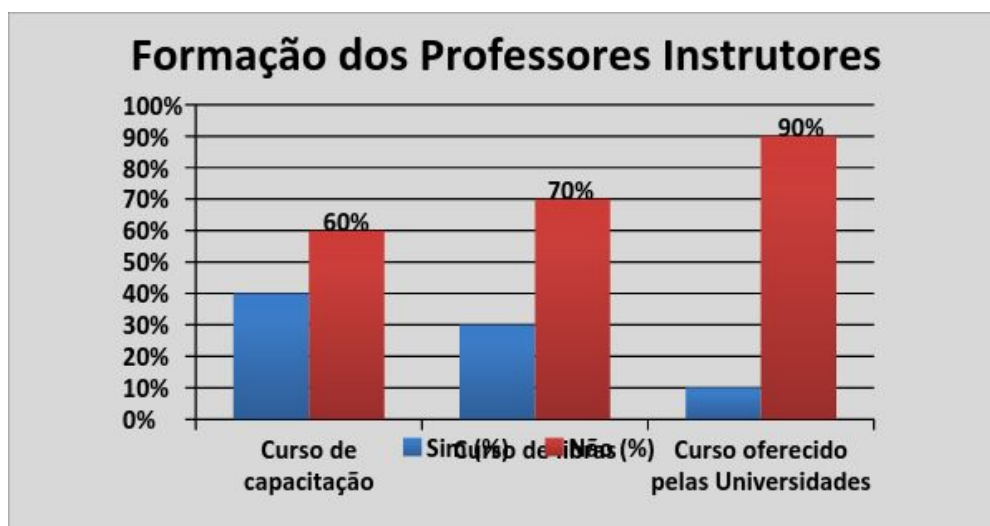
Os profissionais da pesquisa possuem formação acadêmica nas diferentes áreas de conhecimento, entretanto é de professores quem tenham conhecimento em LIBRAS, na sala de aula bilíngue o professora Bethe que é regente domina a língua e com ela trabalha o instrutor Joares o qual faz- se toda a tradução da aula este está presente em todas as disciplinas, ao observa a aula percebeu-se que o professora domina a Língua de Sinais ao qual consegui estabelecer um diálogo com o aluno surdo, pois a professora regente trabalha com alunos com diferentes graus de surdez, idades e deficiências, pois a metodologia usada para da sua aula é o concreto para que eles possam ter um melhor aprendizado, pois os mesmo não ouvem mais enxergam e com isso vão assimilando o que está presente em seu dia a dia usam as duas línguas sendo que a Libras é a primeira (L1) e o Português a segunda (L2) para aprenderem a escrever, percebeu-se que eles trabalham em conjunto pois buscam o melhor método de comunicação que é o bilinguismo sabendo os outros dois não deram muito resultado. Segundo os professores, prática existe mais é insuficiente, pois ainda se faz necessário fazer um trabalho singular de sensibilização, não só na escola, referida mas em todas as escolas que adotam a prática do ensino inclusivo. Dentro deste estudo de caso, ficou claro que é necessário definir o papel do professor do ensino regular oferecer ferramentas que auxiliam em sua capacitação, incluindo a direção geral e a orientadora pedagógica neste aprendizado. É importante ainda mencionar que a educação dos surdos deve ser bilíngue desde a educação infantil. O ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes surdos deve ocorrer por meio da Libras como primeira língua (L1) e da

língua portuguesa (L2). No entanto, mesmo frente às práticas propostas percebe-se que a educação de surdos deixa muito a desejar e anda a passos lentos.

Com base nos dados coletados através dos questionários, pode-se constatar de fato a importância da língua de sinais na educação dos surdos na sala bilíngue. Conforme a presente pesquisa pode-se analisar que 56,6% dos professores desta instituição são a favor da sala bilíngue dos surdos nas escolas normais, mesmo 80% destes achando que as escolas onde trabalham não estão aptas para receber portadores de deficiência.

a) Com relação à inclusão dos alunos surdos do que você sente falta para melhorar como profissional de libras? Tabela 1 - Formação dos Professores Instrutores Resposta Sim (%) Não (%) Curso de capacitação 40 60 Curso de libras 30 70 Curso oferecido pelas Universidades 10 90.

Gráfico 1 - Formação dos Professores Instrutores



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Os resultados mostram que apenas 40% dos professores possuem curso de capacitação 60% não participação de nenhuma capacitação sobre libras. Quanto ao curso de Libras 30% dos professores participam dessa formação continuada proposta

pela SEMED e os 70% não participam. Portanto, observa-se que esses resultados demonstram que o processo de inclusão do aluno surdo vem sendo acompanhado por professores e profissionais que desconhecem a língua dos sinais e as condições de comunicações bilíngues dos surdos dependem exclusivamente do instrutor, isto quando a escola dispõe deste profissional. Sobre o curso oferecido pelas universidades apenas 10% dos professores já tiveram cadeiras de libras e 90% nunca presenciaram nenhum tipo de aluno quanto aluno da universidade.

b) Qual é o tipo de língua o aluno surdo deve aprender?

Tabela 2 – Comunicação do instrutor

Resposta	Sim (%)	Não (%)
Oralismo	90	10
Libras	75	25
Língua Portuguesa	85	15

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

De acordo com a pesquisa os professores 90% responderam que os alunos devem se comunicar através do oralismo, e 10 % dizem que não que eles devem aprender a sua língua própria.

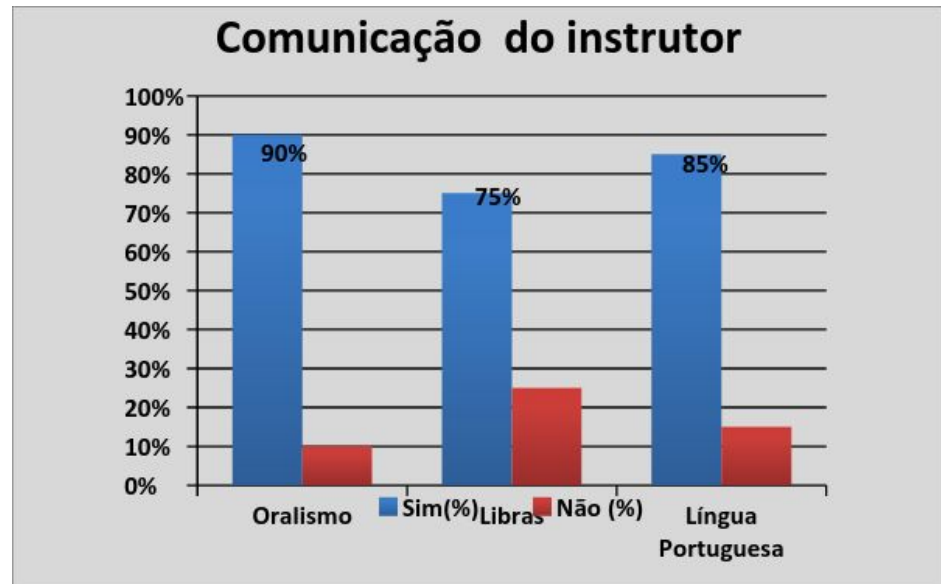
Quando ao uso da libras os professores disseram 75%os alunos surdos devem fazer uso de sua língua para se comunicar com as pessoas sem fazerem gestos ou oralização e 25% dizem que não devem fazer o uso da língua para se comunicar.

Já 85% deles dizem que eles devem aprender o português para se comunicar por que a menor parte a população não sabem fazer uso da língua deles e 15% não responderam por que ficaram na dúvida.

Os resultados mostram que apenas 86% dos professores dizem que os alunos surdos devem aprender a sua língua na infância e 14 dizem que não, já 79% falam que é na adolescência que se aprende a libras e 21% discordam e 56% opinam que na fase adulta

que os surdos aprendem porque já possuem o pouco de conhecimento sobre o mundo em que vivem e 44% nada sabe sobre a língua de sinais

Gráfico – 2 Comunicações do Instrutor



Fonte Pesquisa de Campo, 2014.

c) Qual das fases cita abaixo o aluno surdo adquire o aprendizado da libra?

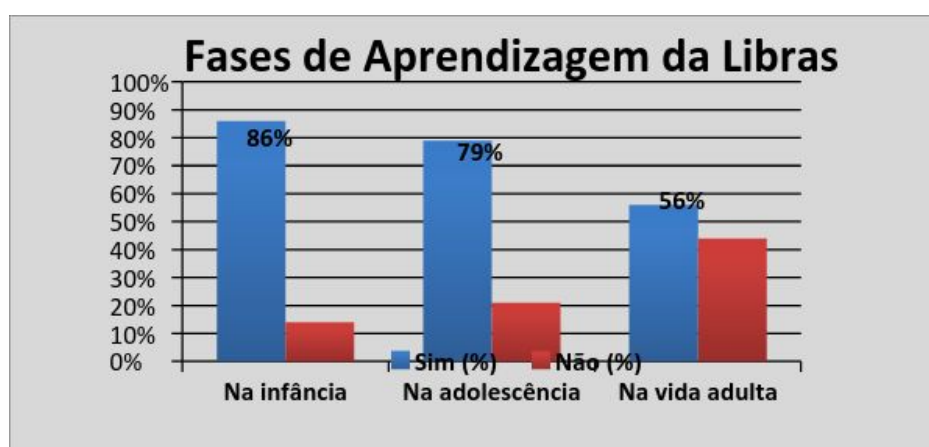
Tabela 3: Fases de aprendizagem da libra

Resposta	Sim (%)	Não (%)
Na infância	86	14
Na adolescência	79	21
Na vida adulta	56	44

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Os resultados mostram que apenas 86% dos professores dizem que os alunos surdos devem aprender a sua língua na infância e 14 dizem que não, já 79% falam que é na adolescência que se aprende a libras e 21% discordam e 56% opinam que na fase adulta que os surdos aprendem porque já possuem o pouco de conhecimento sobre o mundo em que vivem e 44% nada sabe sobre a língua de sinais

Gráfico – 3 Fases de Aprendizagem da Libras



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

d) Como os professores ouvintes se comunicam com seus alunos surdos em sala de aula bilíngue?

Tabela 4 – Comunicação dos Professores

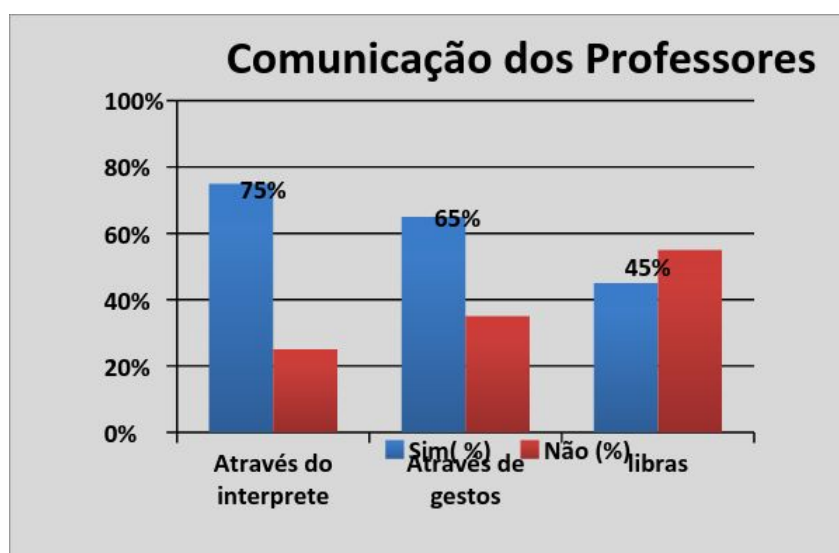
Resposta	Sim (%)	Não (%)
Através do intérprete	75	25
Através de gestos	65	35
Libras	45	55

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Foi Observado que o intérprete é o melhor meio de comunicação entre o professor ouvinte e seus alunos surdos com um percentual de 75% e os 25% são aqueles que não se comunicam através da Libras. Em seguida com 65% vem a utilização de gestos e 35% representa o percentual daqueles que não usam os gestos para se

comunicarem. A mistura do Português escrito junto à Libras representa um percentual apenas de 5% dos professores ouvintes que se comunicam com os alunos surdos, isto é, os professores que dominam a Libras e 95% são aqueles que não se comunicam, pois não conhecem a língua de sinais. Por último vem o percentual de libras 45% dos docentes dizem que se comunicam com seus alunos e 55% dizem que sabem um pouco e usam outros tipos de comunicação: os recursos visuais como desenhos, gravuras, fotos etc. para terem uma conversação melhor

Gráfico – 4 Comunicações dos Professores



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

e) Quais os tipos de comunicação que é usado em sala de aula com alunos surdos?

Tabela 5– Aprendizagem da Libras

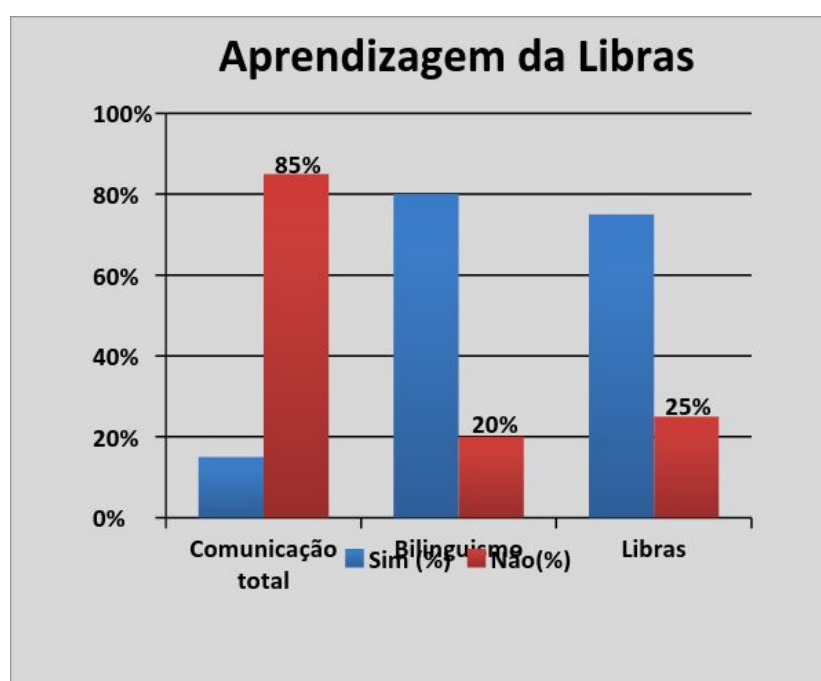
Resposta	Sim (%)	Não (%)
Comunicação total	15	85
Bilinguismo	80	20
Libras	75	25

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

De acordo com escola entre os alunos ouvintes e os surdos 15% ainda usam a comunicação total e 85% não utilizam mais.

O bilinguismo ainda é muito usado por eles e 20% dizem que não usam ainda devagar é ótima com um percentual de 59% e 36% dos entrevistados disseram que a interação é boa. Somente 5% falaram que a interação na escola é ruim. Há uma cumplicidade entre eles deixando de lado quase todos os conceitos dos pré-conceitos preconcebidos de alguma forma

Gráfico – 5 Aprendizagens da Libras



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Qual é o percentual dos alunos surdo e ouvintes matriculados na escola UEB Luís Viana?

Tabela 6 – Alunos matriculados

Resposta	Alunos	%
Surdos	30	4
Ouvintes	750	96
Total	780	100

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Durante a pesquisa notou-se que o percentual de alunos surdos inclusos na escola de ensino regular, ainda é muito baixo (4%) em relação aos demais alunos (96%). Portanto fica constatado que a inclusão precisa ser repensada e revista dentro do contexto escolar como um todo.

Gráfico – 6 Alunos Matriculados



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Considerações Finais

Podemos inferir, diante da pesquisa analisada, que a historia do surdo, começa com a comunicação dos surdos, já que, a comunicação é o item mais importante para socialização desta comunidade. De fato trata-se de uma história dramática, uma vez que o próprio Aristóteles lançou o veredicto de que os surdos não eram treináveis. O impacto desta ideia fez soar até hoje em dia, pois nos estudos tradicionais da língua somos levados a crer que as pessoas que não se expressam não pensam. (SUMARÉ, 2012)

Sem dúvida o maior elemento de emancipação dos deficientes auditivos foi a linguagem de sinais, conforme verificamos na pesquisa o Abade L' Epée foi o precursor no uso da Língua de Sinais, porém infelizmente, nem a medicina e nem a filosofia apoiaram suas descobertas.

Contudo, vemos que as pessoas com deficiência auditiva possuem características que as diferenciam das pessoas ouvintes. Porém, isso não significa que seus limites, potencialidades, sentimentos e necessidades não deveriam ser supridas. Ao longo do tempo algumas metodologias para ensinar os surdos a se expressarem foram criadas e aperfeiçoadas, permitindo assim ao mesmo poder se comunicar mais facilmente com outras pessoas.

As propostas educacionais direcionadas para o sujeito surdo têm como objetivo proporcionar o desenvolvimento pleno de suas capacidades; contudo, não é isso que se observa na prática. Diferentes práticas pedagógicas envolvendo os sujeitos surdos apresentam uma série de limitações, e esses sujeitos, ao final da escolarização básica, não são capazes de ler e escrever satisfatoriamente ou ter um domínio adequado dos conteúdos ensinados, além disso muitos alunos são prejudicados pela falta de estímulo adequado ao seu potencial cognitivo, sócio-afetivo, lingüístico e cultural e ter muitas perdas em seu desenvolvimento e aprendizagem.

Os alunos que possuem este tipo de impedimento na comunicação nem sempre participam dos desafios escolares, porque os professores desconhecem estratégias e alternativas de comunicação que possam favorecer a estes alunos meios de expressarem suas habilidades, dúvidas e necessidades, desta forma faz-se necessário descobrir meios de compreender de que forma eles estão processando e construindo conhecimentos.

REFERENCIAS

AZEVEDO, Omar Barbosa. **A família como parceira fundamental na educação e no desenvolvimento cognitivo da criança surda na perspectiva do bilinguismo**. Revista da FAEEBA/ Universidade do Estado da Bahia, Faculdade de Educação do Estado da Bahia – Ano 1, nº 1 (Jan./jun., 1992) – Salvador: UNEB, 1992, p. 55 – 68.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Base na Educação**, Lei nº 9394. Brasília, Junho 1996.

BRITO L.F. **Integração social do surdo**. In: Trabalhos em Lingüística Aplicada, nº 7, p.13-22, 1986.

CAPOVILLA, Fernando. **Filosofias educacionais em surdez: oralismo, comunicação total e bilinguismo**. In: Ciências de Educação, v. 24, p. 1-7, 2004.

CARVALHO, E. de C. & BARBOSA, I. **Pensamento Pedagógico e as NEE: Introdução de Deficiência Auditiva.** (2008).

CARVALHO, RositaEdler. **A Nova LDB e a educação Especial.** 2ª ed. Rio de Janeiro. WVA, MEC, 2000.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, Espanha, 1994, disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> acesso em: 22 de setembro de 2008.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em http://presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm

FELIPE, Tanya Amara. In BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Educação de surdos: Língua Brasileira de Sinais.** Brasília: Secretaria de Educação Especial 1997v. 1 e 2.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á prática educativa.** 30º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p.23.

GOLDFELD, M. **A criança surda.** São Paulo: Plexus, 1997.

LACERDA, Cristina. **Um pouco da história das diferentes abordagens da educação dos surdos.** Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acessado em: 20 de maio de 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2006.

QUADROS, R. M. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre/ RS: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Miller. **Situando as Diferenças implicadas na Educação de Surdos: Inclusão/Exclusão.** In **Revista Ponto de Vista**, UFSC. N.º 4. 2002-2003.

SKLIAR, C.B. **Educação e exclusão: abordagem sócio-antropológica em educação especial.** Porto Alegre: Mediação, 1997 a.

www.ebah.com.br/content/ABAAAA_S4AE/maranhao-leis-libras